

“desta vez, a casa não sairá de ulysses: a casa virou o mundo ou o mundo virou a casa – de pernas para o ar!”

marcos ferreira-santos¹

**do vale à montanha
da montanha ao monte
cavalo de sombra
cavaleiro monge
por quanto é sem fim
sem ninguém que o conte
caminhais em mim
(fernando pessoa)**

ulysses não sairá de casa... nos diz o curta-metragem de rogerio de almeida (2020), amigo e professor da faculdade de educação da usp, o qual tive o privilégio de acompanhar a trajetória e compartilhar textos, livros, canções e algumas taças de vinho em *vinhoconversas* epicuristas. Investigador da filosofia trágica, do imaginário, do cinema e autoformação, poeta e escritor, e músico. Com belíssimo trabalho sobre o imaginário de fernando pessoa em seu doutoramento e sobre a filosofia trágica em sua tese de livre-docência. Hoje, coordena o lab_arte e segue, errático, mas não sem horizontes, uma linhagem de alta estirpe de pensadores independentes, autônomos e criativos.

Ele nos diz deste ulysses, hoje, deprimido e depravado, em dia com o imposto de renda e devendo ao amigo que faz tempo, não vê... ulysses domesticado. Astuto, engana e mata, amante, se perde do caminho, errante que viaja sem destino, faminto devora monstros, não tem medo da morte. A saga termina quando volta para casa. ulysses é todo mundo e ninguém.

As cenas de viagem não são ilustrativas. São o texto. O texto é pré-texto... condição básica para um encontro. Tal qual o reflexo da câmera no vidro da janela do trem... Ou ainda a nostalgia lusitana do viajante sobre os telhados róseos de lisboa: o porto de ulysses.. *ulysses bo...* lisboa, na corruptela do belo latim vulgar que vai dar no apaixonante português lusitano entregue ao mar e ao mar aberto com a saudade de quem nunca partiu.

Ou a saudade do marinho audaz e imigrante fugido de salazar. Ou ainda rebento da revolução dos cravos que, ainda que movido por militares, teve a participação intensa da população, desde os não tão velhos refrões de “*grândola vila morena*” de zeca afonso (1971), três anos antes da própria revolução (1974), e que serviu de senha para o movimento:

**em cada esquina um amigo
em cada rosto igualdade
grândola, vila morena
terra da fraternidade
terra da fraternidade
grândola, vila morena
em cada rosto igualdade
o povo é quem mais ordena**

¹ jardineiro, artesão, folklorista, professor de mitologia (usp) e em universidades da espanha e américa latina. Site: www.marcosfe.net - marcosfe@usp.br

Ardente nostalgia nos arpejos de um destino cruel sobre os ombros, ou melhor, ouvindo um fado por sobre os ombros do garçon de alguém que canta e sofre ao modo de amália. Rodrigues das cordas da guitarra portuguesa em trinados agudos a penetrar no coração de quem pode ainda escutar as heranças mouriscas de um cantar que flexiona a própria alma pela garganta, tal qual um *moezin* no alto do minarete do sentimento. De um jeito lusitano de incorporar o espírito sufi, anarquista, pobre e remendão. Mas, se bem-educado, com um destino mais benevolente, com sotaque francês, será professor ou empresário com trejeitos franceses, paladar francês; ainda que a mesma amália nos tivesse advertido:

**“lisboa, não sejas francesa
com toda a certeza não vais ser feliz
lisboa, que ideia daninha
vaidosa, alfacinha², casar com paris
lisboa, tens cá namorados
que dizem, coitados, com as almas na voz
lisboa, não sejas francesa
tu és portuguesa, tu és só pra nós
(raul ferrão & jose galhardo, 1955)**

Lembro de adorno ao falar da regressão do ouvido agora desleixado e diminuto que, pela indústria fonográfica, entregue à *esquizofonia*, acredita no que ouve sem sentir a vibração da interpretação do intérprete com seu instrumento ou sua voz. Aliás, onde ele estaria agora? Provavelmente, não saiu de casa e gravou pela internet a obra que agora se escuta no *playlist* do *smartphone*. Sem saber quem era, sem saber do que se trata, sem ler sua dedicatória, sem saber de sua jornada, o consumidor ou usuário (nunca deixou de ser algum tipo de droga) ignora o que seja a obra. Não saiu de casa. Por conta da pandemia ou da preguiça. Ou da falta de financiamento. Não que seja preciso a biografia tagarelante do compositor ou intérprete ou a crítica ciumenta de algum crítico inconformado, mas conhecer minimamente do que se trata a obra ajuda nos filtros necessários para poupar os ouvidos e a alma dos poluentes não-biodegradáveis despejados no mundo da (des)informação fácil.

O fato é que a saga foi suspensa. E ele o intérprete, ou o viajante, teve que ficar em casa. Entregue à fantasia do “*se fosse, o que seria?*”. E vive e sente e se emociona como tal... As imagens ajudam neste imaginário da ausência de ação. Já não falamos em ausência de ser, existência, ausência do ser amado, mas na ausência da ação. Inércia que se articula com a anestesia: a incapacidade de *estesia*. Eles ficaram em casa e a casa é pequena. Apartamento talvez. À parte do mundo. Hoje, talvez mais importante do que à própria época do romantismo alemão, as *bildungsroman* (romances de formação), sejam tão necessárias, na falta da experiência, da viagem, da saga... Uma experiência emprestada.

A janela ajuda...

Mas, e a constante travessia? Homericamente, há um detalhe importante no castigo à soberba de ulysses que riu dos deuses vangloriando-se de sua astúcia ao derrotar tróia. Ah... trinta anos de perdição pelos mares sem voltar à casa. Mas, no meio da travessia, necessária, mas castigo divino, ele encontra *circe* e em seus braços adormece na ilusão de uma vida sonhada por anos a fio. Só a lembrança de penélope, em casa lhe esperando ao fiar e desfiar o tecido do

2 alfacinha: natural de lisboa.

tapete da promessa a um novo pretendente, subterfúgio e malogro ensinados pela astuta, sábia e apaixonante *palas athena* das tecelãs; é que lhe desperta. Num dado momento, para a continuidade da volta à ítaca.

Como sair do sono virtual dos braços de *circe*? Tudo à mão, confortável, prazeroso, sem trabalho exaustivo, como que desfrutando da ambrosia dos deuses em noites de paixão e êxtase. Para quê sair do sonho? E então vemos o *ulysses* moderno, gordo, sentado na frente do computador, espremido no metrô, cristão ressentido nutrindo ódios no silêncio da aquiescência. Guiando *telêmaco* no parque, divorciado de *penélope*, de quem maldiz o tempo todo. Esse *ulysses*, além de cristão, creacionista fervoroso, fundamentalista surdo, virou terraplanista, xenófobo, homofóbico, toma cloroquina com medo da pandemia que diz não existir, árduo defensor da pátria (aliás qual será sua pátria?), da família (qual família mesmo?) e da propriedade. Me lembro de mahatma gandhi dizendo que todo aquele que possui o que não precisa é um ladrão. No mesmo jôrrro de imagens-lembranças, uma deliciosa e trágica charge de *henfil* com um índio perguntando ao velho “*tfp*”: “*oh tfp, tu vais defender também a minha tradição, a minha família e a minha propriedade?*”

A trilha sonora de rogerio de almeida, também músico e compositor, com o qual divido os liames infindáveis entre o imaginário e o mito como estrutura musical, e que, graças ao destino benevolente, lhe possibilitou também construir seu pré-texto com o texto musical que até aqui vem se estruturando em cânones medievais e contrapontos em antifonas perfilando a constelação grecomedieval da constituição da saga de *ulysses* entre as vagas sonoras de um mar que se abre à quilha e, por vezes, se tranquiliza na distância de uma harmonia ainda canônica na visão que se tem do mar. Predominância grave e profunda que está, apenas e tão somente, à superfície da saga. E agrada às primeiras impressões da antiguidade, mesmo que diga ao tempo todo, da atualização moderna e engravatada da saga. Impasse musical e textual. Existencial e antropológico. Um cidadão comum e pacato, diria um velho amigo, que talvez seja mobilizado pelas imagens.

A janela ajuda...

O mundo é grande, diria drummond.

Ah... o castelo de são jorge... Marca medieval no meio do citadina polvorosa dos andares apressados, nunca sabendo para onde e por quê vão. Mas, vão. A nostalgia no sangue, mas não há mais tempo para prestar atenção. Mas, o castelo está lá. Altaneiro e perene (graças à preservação do patrimônio histórico) a perseverar um tempo que não mais existe. Nem de *ulysses* na odisséia, nem de *geórgos* (o trabalhador da terra, origem grega do nome georges, jorge, etc), agricultor exsudado de sua roça na capadócia para defender a cristandade contra os pagãos personificados no dragão. Lembre-se que dragão em grego é “*delphina*”, o mesmo nome para *útero*. O que sempre me levou a ver a velha iconografia da luta com a lança, de são jorge na lua (evidentemente, ao clima anímico), que se trata de uma cópula. Uma dança nupcial entre o agricultor e o útero da terra, mediados pelo seu falo feito lança cravando na terra sua dominância. Seria interessante hoje pensar esta mesma imagem em sua realidade às avessas: o dragão cavalgando por sobre *geórgos* com sua lança ereta, num prazer mais anímico e menos machista.

Mas, o castelo está lá... lusitanamente atestando a velha saudade lusófona.

Ulysses, homericamente, retorna, mata os pretendentes travestido de mendigo. Somente o cão lhe reconhece. Depois da matança, haveria clímax para uma noite de reencontro com penélope? Nosso autor, muito astuto nos questiona: sofriram de flatulência? Perdurou a ereção? Copularam no tapete cheio de sangue? Haveria tanto amor ainda nos corações depois de tanto tempo de ausência?

Uma frase indiana me vêm de súbito: “*a saudade de ti não se preenche com tua presença*”.

A construção musical textual de rogerio de almeida aqui se abre ao minimalismo da alma listrada do piano. Tal qual uma *nina simone* branca e caucasiana. Pena que não explore seu canto à margem das teclas tigradas. Fica a eterna sugestão.

Notas espaçadas de uma construção mais rítmica que melódica, embora mantenha, ao modo de um *zbigniew preisner*, nos filmes de *krzysztof kieślowski* (1941-1996), ambos poloneses, uma melodia modal que persiste como *ostinato* a querer atingir a alma em suas profundezas, rodeando as beiras, nota por nota, em aproximações sucessivas e quase vertiginosas. A música não ilustra a obra. A obra é a música. Assim, como nosso autor aqui nos diz do ulysses atualizado no cinema. Ele não assiste a filmes, não está em alguma poltrona na sala escura das projeções. Ulysses é o filme.

Assim como o cinema jamais foi moderno, é trágico e aspira ao mito, ao inaudito. Não existe ainda. Ulysses segue sua saga na tela. A tela projetada na imensidão da sala escura que, por favor, também é diferente da televisão ou da tela do computador ou do smartphone – me perdoem os atualizados e integrados, mas “*é uma história em technicolor para ter algum luxo, por Deus, que eu também preciso*”, lembraria clarice lispector em “*a hora da estrela*” (1973), pouco antes de falecer.

Se ulysses não sai mais de casa, que sua saga seja em technicolor, ou HD, em televisão de plasma que ocupe a parede inteira pelo menos... Ainda prefiro o cinema antigo. Antigo! Repito para não confundir com cinemas de shoppings. Ah... os velhos cineclubes da rua augusta ou no bairro do bexiga... sempre vazios... e o luxo da solidão quando se ia sozinho assistir àquele mesmo filme pela enésima vez. Consumidores de imagens fáceis à mão, em smartphones de “*burro-usuários*” ou televisões a cabo (arrastadas pelos cabos de baixa tensão cognitiva) ou “*netfriques*”. Me perdoem... ainda sou jurássico e não tenho vergonha disso. Li sócrates e homero ainda criança e isso fez um estrago incomensurável. Do qual não me arrependo.

A construção musical de rogerio de almeida avança para o *lounge*, moderna batida quase eletrônica que nada diz, a não ser: “*espere*”... Por isso, tão em voga nas salas de espera, salas vip, aeroportos, clubs, elevadores. Atualização da velha música *muzak*. Um mobiliário, um adorno (sem brincadeiras com nosso frankfurtiniano), ambiente. Por isso se mistura facilmente às espumas em *close* de um mar que já não se conhece, nem se reconhece. E as pessoas ouvem distraidamente para amenizar o tédio da espera estas espumas sonoras que se agitam à superfície sem perigo algum à consciência. Não há o que se desfruta, não há o que se interprete, não há o que se sinte, não há algo que toque n’alma. Música maquinal para seres-máquinas. E aqui, já não falamos em humanos, mas em “máquinas” maquinalmente construídas, educadas e formadas (formatadas) para produzirem como máquinas e consumirem como máquinas nos templos-shoppings das máquinas-prazer que, prazerosamente, alimentam o sistema máquina dos algoritmos que nos controlam para alimentar o sistema: “*sorria: você está sendo rastreado!*” Nem mesmo o velho lucro já não se

sustenta. O capitalista do *bio-poder-tecnológico* já não consegue imaginar os tantos zeros que alimentam sua fortuna. Frustrado, quer apenas manter o poder da máquina *matrix*. Apenas a máquina. Maquinalmente. *Mefistofelesmente*. *Frankesteinmente*. *Faustianamente*.

Para quê a saga, pensam os mortais ao olharem a tal saga espelhada nas pedras do caminho a ser trilhado, se eu posso vender minh'alma ao cartão de crédito e parcelar em suaves prestações a glória e os 15 minutos de celebridade?

Aqui já não cabe o velho *ulysses* errático. Mas, ainda há aqueles que são erráticos. Constroem o sem-sentido da existência sobre as escolhas do viático sabendo que não há o que se salvar, nem o que recuperar, nem o que resgatar. Mas, segue errático pelo simples prazer de manter-se vivo, enquanto vivo, a caminhar errante pelo mundo. E insistem em sair de casa.

A janela ajuda...

E voltam as antífonas... abatido e com saudade, *ulysses* olha para o tejo se entregando ao mar e se sente testemunha de um mundo que já não existe. *Ulysses* hoje. As antífonas conversam com a igreja da sé, aquela mesma velha igreja no alto da ladeira, em meio à cidadina polvorosa das correrias – com charme francês. Prefiro o velho boteco da ladeira, com cheiro de “*prato-feito*”. Uma conversa distraída ao balcão, com o vinho verde, o pão e o azeite sobre a mesa, e um bacalhau – como quem come comida de pobre. Não tem o “requisite” colonizador que há no Brasil provinciano. E é tão bom estar ali, quase escondido da correria, cidadina e turista, olhando os andares apressados em direção à sé. Só um mendigo pára na porta do boteco e perscruta o interior escuro do boteco, na hipótese de conseguir alguma esmola ou um restinho de comida. Olha pra mim, e minha cor de pele comendo o bacalhau comum de pobre o desestimula. Desiste e vai para os turistas na sé.

Ulysses mendigo que ainda sobrevive na saudade. Saudade no amarelo dos bondes que ainda circulam frenéticos. Saudade no penedo da saudade em Coimbra feito apenas para sentar-se sob a árvore, olhar a cidade do alto, e sentir saudade. Saudade colorida nas casinhas amontoadas à margem do Douro enquanto o vinho do Porto, sonolento, ainda dorme nas barcas ao ritmo das vagas. Saudade do milho verde que ondeia em meio à gramática de pedras de *trás-os-montes* e flerta apaixonado com as moiras gallegas do Atlântico Norte Celtíbero.

Eu também retorno ao clichê de sempre no universo lusófono: *saudade*.

A mais completa consciência de si: *soidade*. De estar só. De estar sem o ser amado. Dominado por um *póthos* avassalador. De estar e ser errático, ao mar aberto das incertezas. Nascido na nostalgia de ser dois, diria Gaston Bachelard. Sabendo que não haverá casa para voltar. A casa está dentro e quase inacessível quando se é surdo e cego à própria alma.

É desta “*soidade*” que nasce nossa glória vernácula intraduzível: *saudade*.

E se *ulysses*, hoje, não sairá de casa, a *saudade* não será aquela da casa a qual voltar. Será a *saudade* da viagem, da saga, a *saudade* de partir para depois retornar... e como toda “*saga*”, é a mesma “*fada*”, portadora do “*fatum*”: o destino. A ânsia que desvirgina o herói ao mundo e lhe cavalga as mil possibilidades, das quais, elegerá apenas uma. E sonhará com as outras 999 possibilidades que foram preteridas. E se fosse, o que seria?

A *saudade* permanece, embora, não se saia mais de casa.

A janela ajuda...

A janela é a ânima a desvirginar o herói incauto e desavisado como sempre.

Para quem fica, ulysses flatulento de hoje, e não se deixa “tentar” pela ânima da janela, talvez o desejo seja defenestrar os outros.

oh sentina de escombros, pozo abierto y amargo.

***pálido buzo ciego, desventurado hondero,
descubridor perdido, todo en ti fue naufragio!***

***es la hora de partir, la dura y fría hora
que la noche sujeta a todo horario.***

***el cinturón ruidoso del mar ciñe la costa.
surgen frías estrellas, emigran negros pájaros.***

***abandonado como los muelles en el alba.
sólo la sombra trémula se retuerce en mis manos.***

ah más allá de todo. ah más allá de todo.

es la hora de partir. oh abandonado!”

(pablo neruda,
la canción desesperada,
veinte poemas de amor y una canción desesperada, 1924)